

Internet, redes sociais e discussões sobre suas formas de uso

Autor(a): Lucas Bulhões

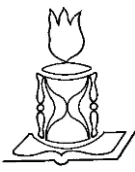
2º semestre/ 2016

Texto Teórico

Introdução e justificativa

O tema de estudo deste texto teórico – a internet e as redes sociais – que justificaria uma transposição para uma sequência didática passível de utilização em sala de aula pode não parecer essencial ou útil num primeiro momento; porém a intenção é oferecer um ambiente e um pretexto de discussão das formas de uso das tecnologias cada vez mais embrenhadas na vida cotidiana – inclusive na vida escolar.

Baseado no número crescente de usuários, acessos, postagens e conexões que a internet possibilita, segundo uma comparação entre diferentes versões da Pesquisa Brasileira de Mídia (existem somente duas, e elas já apresentam diferenças representativas da forma de uso da internet no Brasil), é possível ver que praticamente metade da população (48 a 49%) utiliza a internet pelo menos uma vez por semana. Mais importante do que isso, enquanto em 2014 o uso da internet era menos intenso (26% dos usuários a utilizam todos os dias), em 2015 o número aumenta consideravelmente (sendo 37% dos usuários nessa situação). O número de horas de uso em dias úteis também saltou de 3:39 para 4:59 em 2015, dentre a população que



utiliza a internet. Em termos de plataforma, que diz respeito à forma de uso da internet, houve um aumento significativo no acesso através dos celulares, que se equiparou ao acesso através de computadores. Por fim, a idade dos usuários: “os dados mostram que 65% dos jovens com até 25 anos acessam internet todos os dias. Entre os que têm acima de 65 anos, esse percentual cai para 4%” (SECOM, 2015).

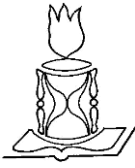
Esses dados acabam por demonstrar o crescente uso da internet pela população, especialmente entre os jovens, que possuem formas de acesso hoje também pelos celulares e *smartphones*. Não é mais especulação que a população escolar terá cada vez mais acesso a esse tipo de tecnologia, e que esse acesso será protagonizado pela internet. Não somente em relação aos alunos, mas também quando se fala dos professores, que estão em formação e contato com as redes já há pelo menos 20 anos, levantando a necessidade de uma discussão sobre a forma de entrada dessas tecnologias no ambiente escolar – é importante notar que a tecnologia está presente nesse ambiente e que isso não mais depende somente da infraestrutura escolar.

Portanto, levar a discussão para a sala de aula, buscando um diálogo entre formas de uso dos alunos e dos professores aqui parece um jeito de suavizar o impacto brusco que hoje se observa em sala de aula, onde simplesmente se rechaça o uso de tecnologias pessoaissem muito sucesso. Rediscutir o uso de redes, trazendo a argumentação para a sociologia é um horizonte plausível e sensato, uma vez que se trata de ferramentas extremamente presentes nas vidas dos brasileiros e que pouco se sabe sobre os efeitos neste cenário produzidos, muito menos as consequências de uma postura negligente em relação à tecnologia.

Considerações iniciais sobre a internet

A internet é um meio de comunicação baseado na transmissão de pacotes de dados digitais entre uma rede de usuários, funcionando através de uma pilha de protocolos que formalizam essas transmissões, dentre eles, o protocolo para o servidor de correios eletrônicos (*e-mail*) e para a *World Wide Web (www)*, forma popular de acesso à Internet por meio de páginas e links-âncora (*Hypertext Markup Language - html*). A internet é considerada uma rede de redes, uma plataforma que propicia formas de conexão entre nós, formalizando uma “linguagem” comum a diferentes pontos.

Nesse cenário, as redes inicialmente se estabeleceram na internet na década



de 1980, partindo de redes que ligavam universidades, agências e escritórios do governo norte-americano. As redes sociais surgiram posteriormente com a popularização da *WWW*, tendo grande relevância ao criar um ambiente propício para a construção de redes de relacionamento, como é o caso do site Orkut (2004), que acabou fechando dez anos depois de seu lançamento. O sucesso do Orkut estimulou a criação de diversas redes sociais ou formas de comunicação que se baseiam em redes, e ainda em 2004 surge o Facebook, uma rede social inicialmente pensada por dois alunos de Harvard para uso interno dos alunos de universidades de ponta norte-americanas, mas que posteriormente se popularizou pelo mundo ocidental, alcançando a posição de maior rede social em 2012 com 1 bilhão de usuários ativos.

Raquel Recuero (2009), no livro “Redes sociais na internet”, ao estabelecer uma relação entre as redes sociais dentro e fora da internet, coloca que

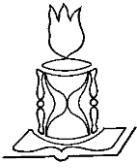
Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões.

(RECUERO, 2009, p. 24)

Com essa breve introdução sobre o tema, pretendo uma tentativa de colocar leituras sobre questões latentes quando se trata da internet no seu uso. Para isso, proponho uma leitura em dois eixos: o primeiro se apoiando sobre a transição da sociedade disciplinar de Foucault para a sociedade de controle de Gilles Deleuze. Já o segundo se apoiaria nos impactos consequentes da mudança paradigmática de tecnologia entendida por Manuel Castells.

Eixo Sociedade disciplinar – Sociedade de controle

Entende-se, ao observar os trabalhos de M. Foucault e G. Deleuze, que a compreensão do poder disciplinar como característico de uma sociedade que o utiliza para sua própria gestão estaria numa fase de transição; essa transição se daria de



uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle, segundo as colocações de Deleuze em “Post-scriptum sobre as sociedades de controle” (1990). Ainda assim, essa transição comportaria uma ideia de poder capilarizado como o entendido por Foucault. Acredito ser importante colocar esse conceito de poder como entendido pelo autor, capilarizado; ou seja, contrariamente àquele entendimento de um poder verticalizado, que possui atores que explicitamente *possuem* poder repressivo e o exercem sobre os demais (aqueles que não possuem poder algum), Foucault permitirá uma leitura diferente: não somente a que envolve uma dimensão produtiva do poder, mas também a que coloca o poder em um universo menor de relações interpessoais, permitindo que se observe sua atuação nesse espaço reduzido - ou, como diz, em sua forma capilarizada. Trata-se, portanto, de um reposicionamento, um redimensionamento deste conceito, que enfatiza as relações em detrimento da posição dos atores, sugerindo uma ideia relacional da potência do poder. Isso se torna interessante para o argumento do estudo de redes, pois dá sentido ao olhar sobre as relações entre os “nós” das redes. Claro, há limitações que são salientes ao se voltar para a Internet; afinal, diferentemente da dimensão “micro” que Foucault sugere, observar as relações na Internet só nos fornece visões distanciadas.

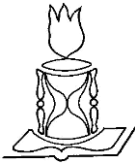
A internet e o poder em sua forma capilar

Michel Foucault, em uma entrevista para a *Magazine Littéraire* publicada na obra *Microfísica do Poder* (1979), coloca:

Todos conhecem as grandes transformações, os reajustes institucionais que implicaram a mudança de regime político, a maneira pela qual as delegações de poder no ápice do sistema estatal foram modificadas. Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana.

(FOUCAULT, 1979, p. 130)

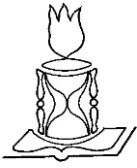
Essa forma inovadora de pensar a dinâmica do poder também como produtora e não somente como repressora é característica de sua obra, no momento em que remove a agência e o poder exclusivos daquelas pessoas ou instituições que



supostamente viriam a se utilizar deste para impor determinadas condutas. Ele acredita na dimensão e na condição microfísica desse poder, presente nas relações, ou segundo o citado acima, “no nível individual”. Nesse horizonte é possível esboçar uma primeira relação com a rede de Internet, dado que esta se caracteriza como uma forma de comunicação com “uma arquitetura de rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando barreiras eletrônicas” (CASTELLS, 1999, p.44), o que proporciona um universo sem hierarquia organizacional de informação - uma rede. Para traçar essa relação, é necessário trazer alguns pressupostos metodológicos que Foucault agrega para iniciar seus estudos sobre as relações de poder.

Segundo o autor, não se deve buscar o estudo do “poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e efeitos constantes” (FOUCAULT, 1979, p.102), mas nas suas extremidades, em suas últimas ramificações - na sua forma capilarizada. Em segundo lugar, “não analisar o poder no plano da intenção ou da decisão, não tentar abordá-lo pelo lado interno” (*idem*, p.102). Em terceiro lugar, não assumir *a priori* que o poder é um “fenômeno de dominação maciço e homogêneo” (*idem*, p.102) concentrado ou presente em determinado indivíduo ou grupo, que exercita seu poder sobre os outros. De acordo com o autor, há certa forma que o poder assume, mudando ao circular:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. *O poder funciona e se exerce em rede*. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e



simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu.

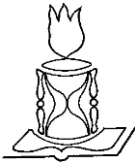
(FOUCAULT, 1979, p.103)

Esse ponto é especialmente interessante ao se pensar redes, pois há a ideia dos indivíduos como centros de transmissão, por onde o poder passa. É possível pensar numa analogia com a informação e a rede (web) de Internet - que se constitui como uma rede que necessita das conexões para sua própria sustentação, colocando as relações em ênfase sobre a posição dos “nós”.

A discussão, claro, deverá enfrentar o problema das redes sociais como centralizadoras desses canais – e como isso modifica o caráter da internet para o mercado. No entanto, a analogia pode vir a ser elucidativa quando se fala de um universo reduzido e aparentemente controlável em termos metodológicos – demanda-se maior imaginação para conceber o poder capilarizado de Foucault dentre as relações interpessoais, enquanto seria mais fácil observá-lo em redes virtuais, que produzem registros automáticos e deixam rastros identificáveis no tempo e no espaço virtuais. Não se trata aqui diretamente do poder, mas sim da analogia possível.

A internet e a moratória ilimitada

Para Foucault, a dimensão em que o poder se dá estaria *no* corpo social, e não *sobre* o mesmo, uma vez que se expressa “em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana” (p.131). Há aqui uma importante passagem em que o autor coloca que se torna mais rentável vigiar do que punir, fazendo referência à tomada do mecanismo disciplinar como principal no papel de se fazer internalizar um determinado conjunto de condutas. Essa transformação se daria a partir do século XVIII e, segundo Gilles Deleuze, uma segunda transformação estaria a ocorrer na metade do século XX – o fim do regime disciplinar, que daria espaço à sociedade de controle. O nome “Sociedade de Controle” apontado por Deleuze transmite uma ideia um tanto dramática, e que não deve ser compreendida de forma vulgar, uma vez que possui e incorpora um daqueles pressupostos metodológicos que Foucault traçou sobre o comportamento do poder. Retomando, é a ideia de que o poder não se faz presente num indivíduo ou grupo sobre outros, mas está *no* corpo social, produzindo certos efeitos. A disciplina, ao ser internalizada e reproduzida pelo corpo



individual e social, produz alguns efeitos que Deleuze considera responsáveis por transformar a sociedade disciplinar em uma sociedade de controle, principalmente por quebrar com a lógica do constante recomeço proporcionado pelo percurso institucional e oferecer um horizonte sem fins, em que prevalece a continuidade:

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal”

(DELEUZE, 1990, p.222)

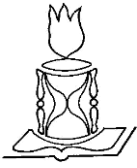
Também em seu “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”, Deleuze ilustra as sociedades através dos tipos de máquinas que evidenciam suas diferentes lógicas. Para a sociedade de controle, ele utiliza as máquinas de informática:

As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus.

(DELEUZE, 1990, p.223)

Esse chamado “perigo de interferência” a que Deleuze se refere diria respeito à continuidade típica das sociedades de controle, em que o perigo da máquina está na ameaça em ser interrompida. Isso seria uma quebra com a ideia de uma dívida, um produto da lógica disciplinar internalizada, que se cria sempre com algo que está por vir.

Para dar certa continuidade à lógica da máquina de informática proposta por Deleuze, pretende-se estabelecer uma relação com esta característica da continuidade das sociedades de controle com práticas presentes no espaço virtual, que mesmo que existissem, ainda não haviam se estabelecido no momento em que o autor escreveu o Post-scriptum. Aqui propõe-se construir dois tipos de relação entre a característica do inacabável das sociedades de controle com a internet, sendo uma na dimensão do

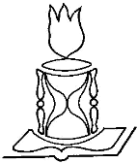


espaço virtual, que seria virtualmente infinito, e a outra na dimensão temporal, da perpétua moratória com o que se está por vir.

A ferramenta de infinitude temporal seria o *feed*, um dispositivo de notificações e noticiamento. A ideia central do *feed* é proporcionar uma visão rápida e rasa dos últimos acontecimentos, seja ele textual ou audiovisual. A sua característica principal é sempre oferecer o novo, o que está por vir, prender o leitor ao que ainda não se evidenciou, mas que com toda a certeza está numa posição certa para poder acontecer. A tecnologia do *feed* foi incorporada à rede social Facebook desde sua popularização, e pode-se dizer que este é o grande diferencial quando se compara o Facebook ao antigo Orkut. As páginas iniciais de perfil do Orkut providenciavam algumas fotos, depoimentos e descrições das pessoas – mas não envolviam “o que está acontecendo agora”, característico do Facebook. Já a página inicial do Facebook é o próprio *feed* de notícias, personalizado de acordo com os atores (nós) da rede social do usuário, através de um algoritmo que supostamente seleciona quais são as “notícias” mais importantes dentro de um rol de possibilidades recentes. É impossível ler todo o *feed*, por menor que seja a rede; isso pois está sempre inacabado e é passível de alimentação externa.

Um ponto talvez importante para se apoiar na ideia de interpenetração dos sujeitos seria certa conduta esperada dentro da rede social. Eventos sociais, como festas e reuniões, só recebem legitimidade e estatuto de evento social se tiverem um acompanhamento fotográfico simultâneo ao *feed* de notícias do Facebook. Há uma forma de agir que envolve a rede social desde a organização do evento através dela, até sua efetivação e registro também na rede. Não é incomum ter como notícia mais recente em seu *feed* as fotos do evento que acabou de ocorrer – inclusive com fotografias do próprio usuário.

Para iniciar a comparação com a segunda ferramenta presente na internet que possibilitaria a comparação com as sociedades de controle de Deleuze, será necessário esclarecer algumas questões técnicas quanto ao funcionamento da *World Wide Web*, já que esta seria a forma responsável pela maior popularização da internet desde sua criação. Como um breve histórico, é importante colocar que a internet nasce como uma tecnologia de informação voltada para a comunicação. Ela recebe investimento do governo dos EUA para ser implementada entre universidades norte-americanas, e posteriormente a Europa também se organiza para estabelecer a conexão ultramarina com a América (década de 1980). Até esse período, o interesse

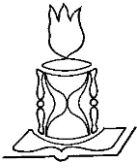


por essa tecnologia ainda era restrito aos pesquisadores e aos governos, como forma de comunicação direta. É sobre a plataforma da *WWW* de Tim Berners-Lee, que a Internet se populariza como meio de troca de informações e mensagens entre a sociedade civil, sendo extensamente utilizada no trabalho moderno e posteriormente como forma de lazer até os dias de hoje, em que a rede se caracteriza como cada vez mais central nas vidas das pessoas. A *World Wide Web* é, de fato, a grande ideia que possibilitou o uso intenso e cotidiano das redes, sendo onde as redes sociais operam – ou começaram a operar, por questões técnicas. O diferencial da *WWW* é a *Hypertext Markup Language*, ou seja, uma linguagem de programação desenvolvida para a construção de páginas (*sites*) que podem conter *hiperlinks*, conhecidos apenas como *links*. Os *links* são uma forma de conexão entre páginas, âncoras textuais que levam o usuário de uma página a outra, estabelecendo uma relação imediata, que fornece acesso a outras páginas com mais outros *links*. No limite, o que se pretende aqui é não somente adicionar a variável de tempo e de infinidade que o sistema de *feeds* oferece, mas também a infinidade de conexões entre páginas (supostamente infinitas) que os *links* oferecem. Assim como não se é possível ler o *feed* até o fim, não é possível ler e acessar todos os *links* e todas as páginas a que eles levam. Seja na dimensão do conhecimento, do lazer, do entretenimento ou do trabalho, a experiência da internet, da rede, se propõe interminável, da forma que Deleuze descreve a sociedade de controle.

A adesão indispensável

Caberia aqui também à luz de Deleuze e a sociedade de controle uma leitura sobre o uso e a adesão ao Facebook como rede social principal e indispensável - além de suas formas de uso. O Facebook é utilizado por 83% dos brasileiros que utilizam a internet com alguma frequência, sendo que o único outro serviço que é utilizado por mais da metade dessas pessoas seria o mensageiro WhatsApp (do grupo Facebook desde 2015), com 58% de usuários.

A rede social hoje é uma forma de conexão entre usuários que representa os maiores números já vistos. Além disso, no caso do Facebook, as possibilidades dentro da rede envolvem diversas atividades, como mensagens interpessoais ou em grupo, comércio informal, divulgação de negócios, marcas, artistas, projetos, arrecadação de fundos, compartilhamento de material audiovisual, contato entre empresa e público-



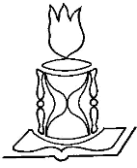
alvo e, principalmente, venda de espaço para anunciantes. Não é o caso de muitas atividades utilizarem a rede social como alternativa; mas de se concentrar nela, formando uma espécie de agregador de funções diversas da vida cotidiana e da vida em rede.

O mecanismo de credenciais que hoje é utilizado pelo Facebook é tão popular que diversos serviços externos utilizam as credenciais do Facebook – e com ela, os dados do usuário – para permitir e validar o acesso a seus serviços, delegando diversas chaves a uma só empresa. Para todos os efeitos, é cada vez mais complicado utilizar a internet sem estar em contato com esta rede social em particular – e assim fornecendo dados pessoais para uma empresa que possui informação de um fluxo de dados de mais de 500.000.000 (quinhentas milhões) de pessoas. Voltando para Deleuze, a ideia da transição para a sociedade de controle passa pelo conceito de cifra, ou de indivíduos deixando de ser indivisíveis para um código intransferível. Isso é algo que fornece informação, e que produz efeitos através dessa transação. O que ocorre é um entendimento do usuário da rede social não como consumidor, mas como mercadoria nesse caso: as redes sociais vendem informações personalizadas de seus usuários (consentidamente, a princípio) para anunciantes que queiram visibilidade para seus produtos. Não seria possível dizer aqui que a mercadoria e o consumidor nesse estágio se confundem? Ou poderiam até mesmo ocupar mais de um lugar ao mesmo tempo?

Eixo Sociedade em rede

Uma segunda maneira de abordar a Internet e as redes sociais como tema de estudo pode ser feita a partir dos estudos de Manuel Castells, um sociólogo espanhol que escreveu *Sociedade em Rede*, um livro que aborda aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais sobre a sociedade em rede, incluindo também reflexões acerca da Internet.

Como se trata de um livro extenso, com muitas considerações acerca da tecnologia da informação e seus impactos na sociedade, pretende-se aqui trazer alguns conceitos e formulações pertinentes para a discussão em sala de aula, considerando que este texto teórico segue uma linha voltada para as formas de uso e de organização - e assim trazendo conceitos sociológicos passíveis de se trabalhar em uma aula para o Ensino Médio de duração de 50 minutos. As ideias trabalhadas seriam



sobre a mudança de paradigma que a tecnologia da informação proporciona, sobre a alteração no entendimento da organização do próprio trabalho humano e também sobre uma nova relação da sociedade com o tempo.

Mudança de paradigma

Castells eleva a importância da tecnologia da informação como uma tecnologia capaz de transformação social - para isso, ele usará o conceito de “paradigma tecnológico”, que é uma adaptação da leitura de Thomas Kuhn sobre a mudança de paradigma na ciência, presente na obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962). Para isso, ele descreverá um conjunto de características que justificam essa capacidade da tecnologia da informação:

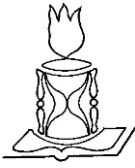
A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores.

O segundo aspecto refere-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias. Como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico.

(CASTELLS, 1999, p.108)

Sobre essas duas primeiras constatações, Castells é sucinto. A tecnologia da informação se diferencia das outras pois trata a informação como matéria-prima, o que dá certo peso e importância para uma nova forma de tratar a informação. O autor constata também que a tecnologia da informação possui um efeito molde sobre a atividade humana, a partir do momento em que a informação está presente integralmente nesse cenário. Outras duas formulações sobre a tecnologia da informação se seguem:

A terceira característica refere-se à lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do



desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação. Essa configuração topológica, a rede, agora pode ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação [...]

Em quarto lugar, referente ao sistema de redes, mas sendo um aspecto claramente distinto, o paradigma da tecnologia da informação é baseado na flexibilidade. Não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes.

(CASTELLS, 1999, p.108)

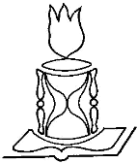
Para o autor, essas duas características descrevem uma determinada lógica baseada na tecnologia da informação, que ao mesmo tempo que tenta montar uma estrutura de rede, também mostra tentativas de se adequar, flexibilizando-se. Afinal, o paradigma estaria baseado nessa capacidade de reconfiguração típica, que segundo ele descreve uma sociedade em que há “constante mudança e fluidez organizacional”. Isso também se deve à sua convicção de que as instituições, caso não possuíssem essa qualidade flexível, não seriam capazes de modificar suas regras, ocasionando sua própria organização.

Por fim, a última característica citada por Castells diz respeito à uma “crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, no qual trajetórias tecnológicas antigas foram literalmente impossíveis de se distinguir em separado” (p.109). Essa integração cada vez maior entre os diferentes sistemas além de tornar isso possível, faz com que a informação, ou um elemento, não faça sentido isoladamente.

Dessa forma, Castells esboça os contornos do paradigma da tecnologia da informação em suas qualidades específicas e a coloca numa posição pertinente para a mudança no âmbito social. São características técnicas referentes à tecnologia, mas que possuem efeitos na forma de uso e na própria forma de organização, conceito que será abordado a seguir.

Organização horizontal

No capítulo “A empresa horizontal e as redes globais de empresas” (p.221), Castells irá descrever as mudanças relacionadas ao mundo corporativo que se dão a



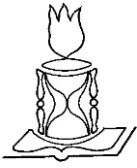
partir da lógica da tecnologia da informação. Para ele, a grande mudança estaria na transição das burocracias verticalizadas para a empresa horizontal, sendo que algumas tendências seriam típicas desse processo, por exemplo: hierarquia plana, recompensas baseadas na performance de grupo, e uma organização acerca de um processo e não de uma tarefa.

As estratégias de formação de redes dotaram o sistema de flexibilidade, mas não resolveram o problema de adaptabilidade da empresa. Para conseguir absorver os benefícios da flexibilidade das redes, a própria empresa teve de tornar-se uma rede e dinamizar cada elemento de sua estrutura interna: este é na essência o significado e o objetivo do modelo da “empresa horizontal”, frequentemente estendida na descentralização de suas unidades e na crescente autonomia dada a cada uma delas, até mesmo permitindo que concorram entre si, embora dentro de uma estratégia global comum.

(CASTELLS, 1999, p.221).

Tudo isso sugere uma espécie de reforma interna pela qual o modelo corporativo precisa se submeter por conta da lógica da informação. A forma horizontal de organização então não somente é algo possibilitado pela mudança de paradigma, mas também passa a ser necessária para a sobrevivência das empresas em cenários de concorrência. Além disso, há também uma tendência, observa Castells, para a formação de redes estratégicas de diferentes empresas. Para a empresa atual, esses processos acontecem simultaneamente, fazendo com que o modelo organizacional verticalizado e racional se esgote por conta do novo paradigma.

É possível ilustrar a forma de organização horizontal, mas não é necessário — uma vez que se trata da organização em hiperligações presentes na *WWW*. Diferente de uma disposição de informação organizada em forma de raízes, há diferentes formas de se chegar num mesmo ponto quando se fala de hipertexto. O sistema constrói relações diretas entre informações distintas, que se ligam a outras informações, e assim consecutivamente. É possível falar de uma mudança de lógica no mundo corporativo, uma vez em que essa tendência à organizar-se horizontalmente é crescente no meio.



Tempo virtual

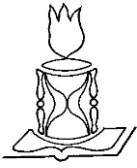
Um conceito interessante também proposto no livro de Castells se refere a uma forma de compreender o tempo à luz do novo paradigma. Ele acredita numa transformação do tempo para a sociedade, incluindo formas simultâneas e intemporais - e que isso tem influência sobre a cultura:

Acho que devemos acrescentar algo mais: a especificidade das novas expressões culturais, sua liberdade ideológica e tecnológica de explorar o planeta e toda a história da humanidade e de integrar e misturar no supertexto qualquer sinal de qualquer lugar, da cultura rap dos guetos norte-americanos — imitadas após alguns meses pelos grupos pop de Taipei ou Tóquio — ao espiritualismo budista transformado em música eletrônica. O tempo eterno/efêmero da nova cultura adapta-se à lógica do capitalismo flexível e à dinâmica da sociedade em rede, mas acrescenta sua camada poderosa, instalando sonhos individuais e representações coletivas em um panorama mental atemporal.

(CASTELLS, 1999, p.154)

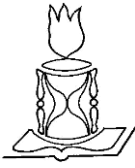
O autor leva adiante as consequências dessa compreensão para a cultura, e não traz somente os aspectos tecnológicos que caracterizam a cultura, mas também a dimensão assíncrona da comunicação interpessoal. A tecnologia da informação e a comunicação mediada por computadores pode vir a fornecer um contato similar ao já feito pelo telefone, mas além dele há uma forma que permite “longos silêncios”. Segundo Castells isso se dá pela mudança no sentido da instantaneidade, viabilizada pela flexibilidade do texto na comunicação via computadores.

A ideia de construção de um panorama atemporal citada acima, ainda que seja sobre a intemporalidade causada pela flexibilização do entendimento da instantaneidade, é presente no texto de Castells, mas também é possível buscar alguma relação com as formulações de Deleuze — ainda que este faça o caminho inverso e utilize a máquina de informática para descrever a forma que a sociedade trata o trabalho. Quando Deleuze evoca a ideia de não-interferência (ou continuidade) que a sociedade de controle tem como característica, ele também se refere ao tempo, e de certa forma, como “entender esse tempo” sofre mudanças. Claramente, isso não ocorre da mesma forma para Castells, mas Deleuze ao enxergar a continuidade se sobressaindo e superando o constante recomeço (institucional) presente na sociedade



disciplinar, está apontando para uma compreensão diferente do tempo em relação ao momento anterior.

Por fim, essas são algumas considerações e esclarecimentos que serão utilizados para a construção da sequência didática. A intenção é fornecer alguma discussão teórica capaz de auxiliar uma transposição de conceitos aqui apresentados para posterior exposição.



Bibliografia

CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede - A Era da informação: Economia, sociedade e cultura, 1999

_____, Manuel. The Rise of the Network Society, 2nd ed. Wiley-Blackwell, 2010

_____, Manuel. Materials for an exploratory theory of the network society, 1999

DA COSTA, Rogério. Sociedade de Controle. In. Revista São Paulo em Perspectiva, 2004

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. In. Conversações, 1990

FOUCAULT, Michel. Sobre a Prisão. 1979 In. Microfísica do Poder, org. Roberto Machado

_____, Michel. Soberania e Disciplina. 1976 In. Microfísica do Poder, org. Roberto Machado

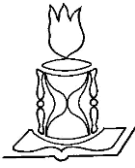
GALLOWAY, Alexander. Protocol. How control exists after decentralization, MIT Press, 2004

PARRA, Henrique. Abertura e controle na governamentalidade algorítmica, 2015

RECUERO, Raquel Redes sociais na internet. (Coleção Cibercultura). Porto Alegre: Sulina, 2009.

SECOM - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Pesquisa brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2014.

SECOM - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Pesquisa brasileira de mídia 2014 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2013.



Referências

Folha de São Paulo. “[Facebook mostra o raio X de um bilhão de usuários](http://www1.folha.uol.com.br/tec/2012/10/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml)”. Publicado em 4 de outubro de 2012. <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2012/10/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>

ISOC, A Brief History of the Internet <http://www.internetsociety.org/internet/what-internet/history-internet/brief-history-internet>

W3, Architecture of the World Wide Web, Volume One: <https://www.w3.org/TR/webarch/>